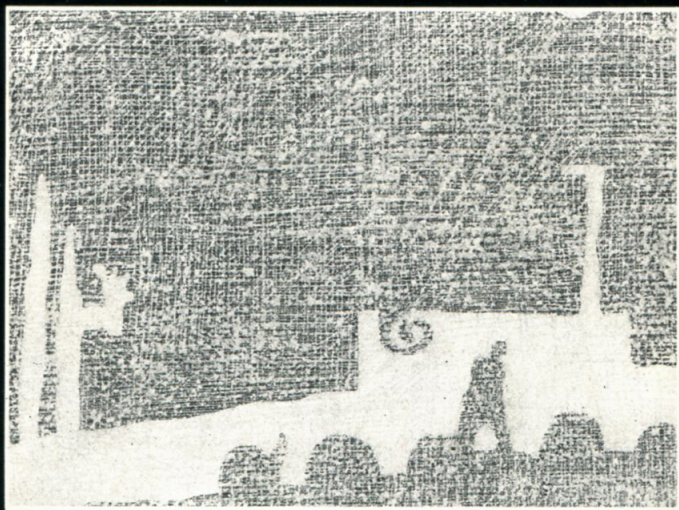


# ◆ NEVROSE NOCTURNA ◆

GOMES LEAL



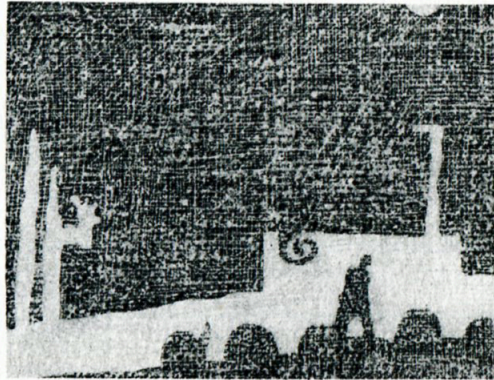
Ilustrações de  
ORLANDO PAULO GONÇALVES



HIENA EDITORA

# NEVROSE NOCTURNA

GOMES LEAL



Ilustrações de  
ORLANDO PAULO GONÇALVES





HIENA EDITORA

*«Um livro é um animal vivo»*

Aristóteles

HIENA EDITORA

Apartado 2481

1112 Lisboa Codex

Título do original

NEVROSE NOCTURNA

Autor

GOMES LEAL

Ilustrações de

ORLANDO PAULO GONÇALVES

Capa e plano gráfico de

AUGUSTO T. DIAS

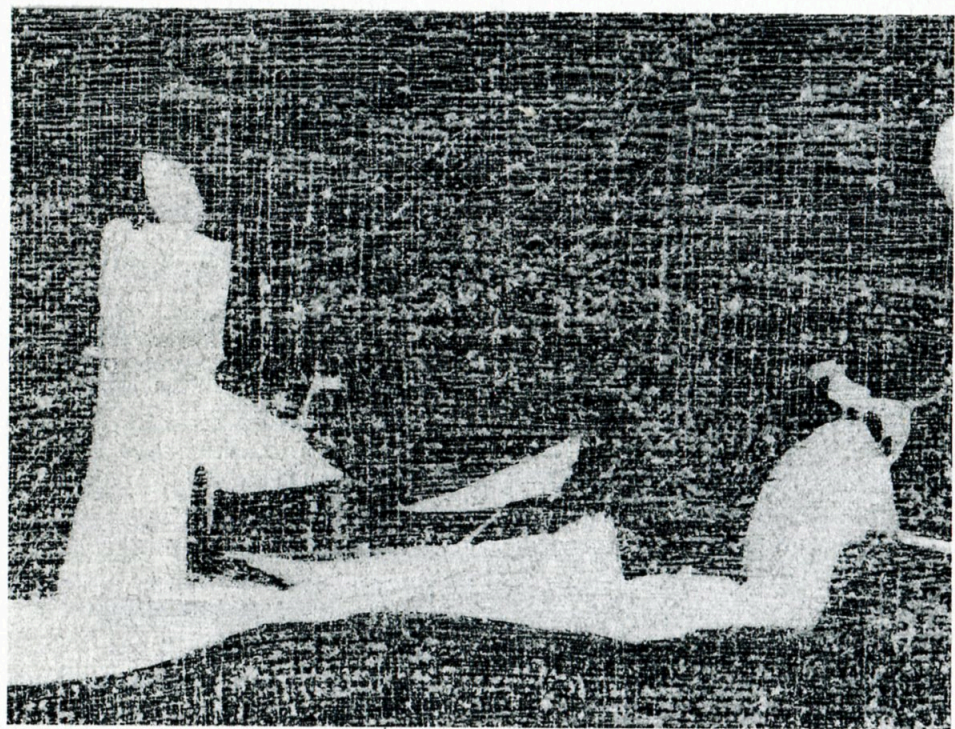
© desta edição

HIENA EDITORA

Tiragem 1000 exemplares

Lisboa, Janeiro de 1988

NEVROSE NOCTURNA

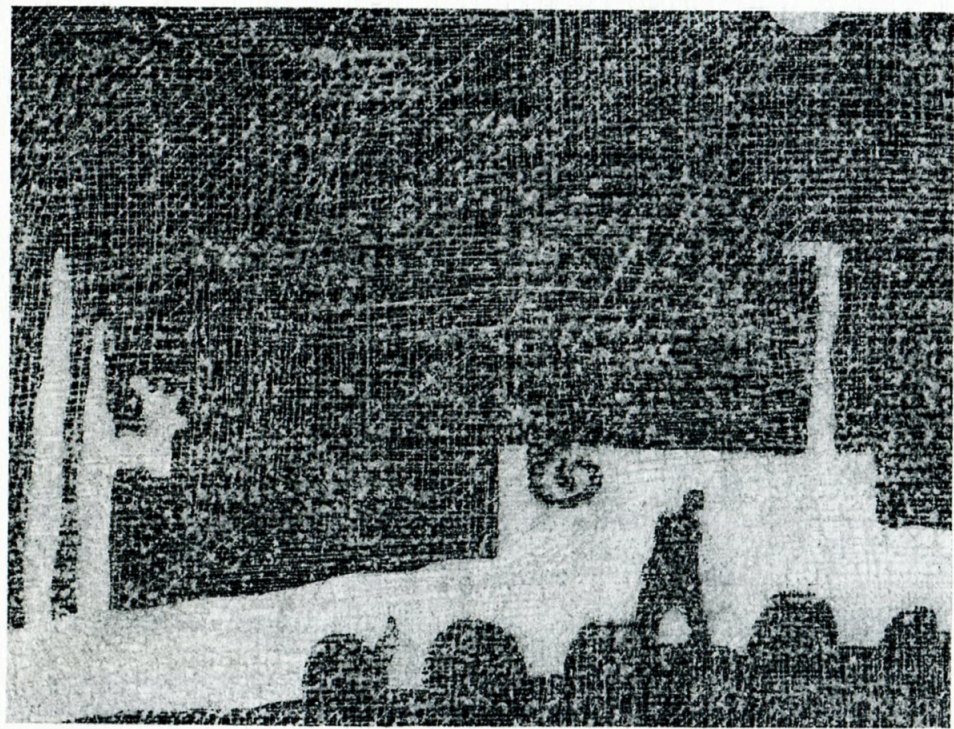




— **B**ela! dizia eu, como um navio à vela,  
Para um país polar, por um silêncio amigo.  
Bela! como uma estátua e gélida como ela.  
— Bela! dizia eu, como um sepulcro antigo.

— Bela! dizia eu, ágil como um jaguar,  
Assim me inspire o Fado e Satanás me deixe!  
— Bela! dizia eu, fria como o luar  
Sobre o dorso luzente e excepcional de um peixe.

— Bela! dizia eu, como uma mesa lauta  
Para um festim pagão: a Forma, o Som e a Cor.  
— Bela! dizia eu, como uma nocturna flauta  
Desafiando, no mar, a ladainha-Dor.



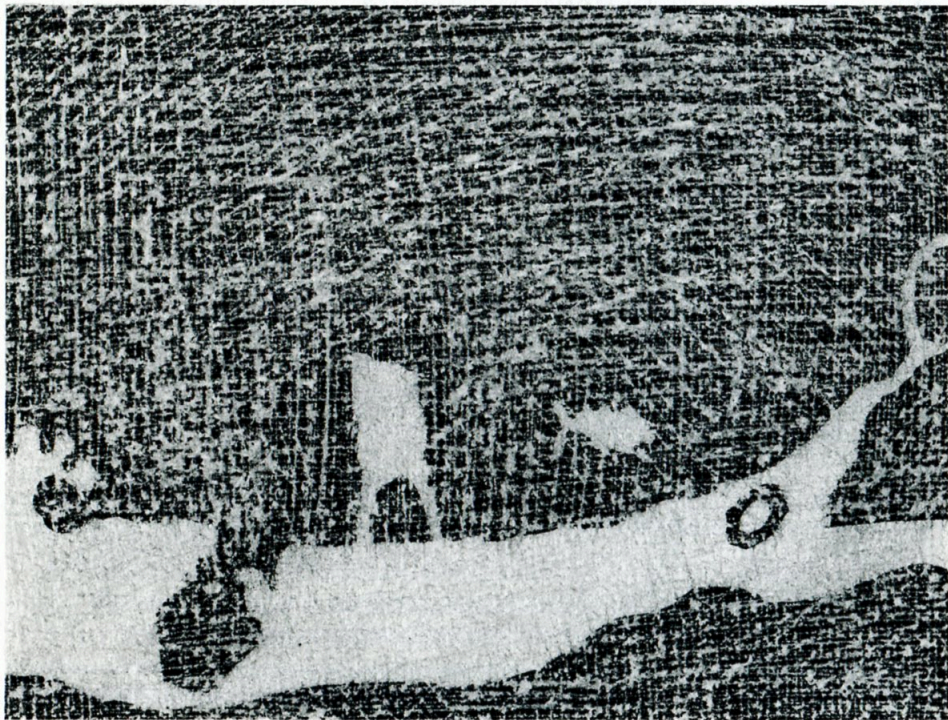


— Bela! dizia eu, fria como o marfim.  
Bela como um calado e longo cemitério,  
Em que se vê vagar, como no seu jardim,  
O coveiro, ao luar, vegetativo e sério.

Bela! como um perdão ao pé do cadafalso,  
Bela como o luzir do orvalho nas searas,  
Nevada como um pé, curto, branco, descalço,  
Fugitivo através das grandes ervas claras.

Bela! como o sentir as espirais do gozo  
Num fundo sensual de sombras perfumadas.  
Bela! como aos clarões de um céu calamitoso  
As plantas tropicais, direitas como espadas.



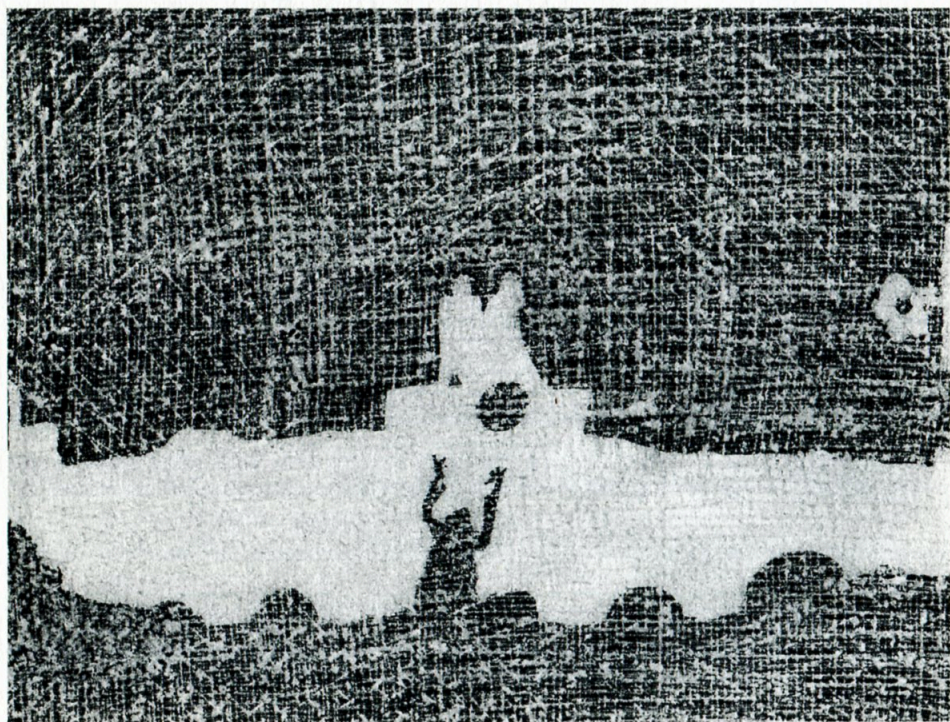


Bela! como os portais e as torres ao abandono  
Saxónias, que entreviu Ana Radcliffe.  
Bela! e solene, sim, como o tranquilo sono  
De um perfil virginal, na sombra de um esquite.

Bela! como um espelho esférico, polido,  
Aonde colos nus luzem palidamente.  
Bela! como o sentir a seda de um vestido  
Arrastar, como arrasta a cauda da serpente.

Bela! como o sorrir vermelho de um rainúnculo.  
Bela! como uma flor aquática do mar.  
Bela! como na treva o brilho de um carbúnculo,  
— Bela! dizia eu, como um azul polar.



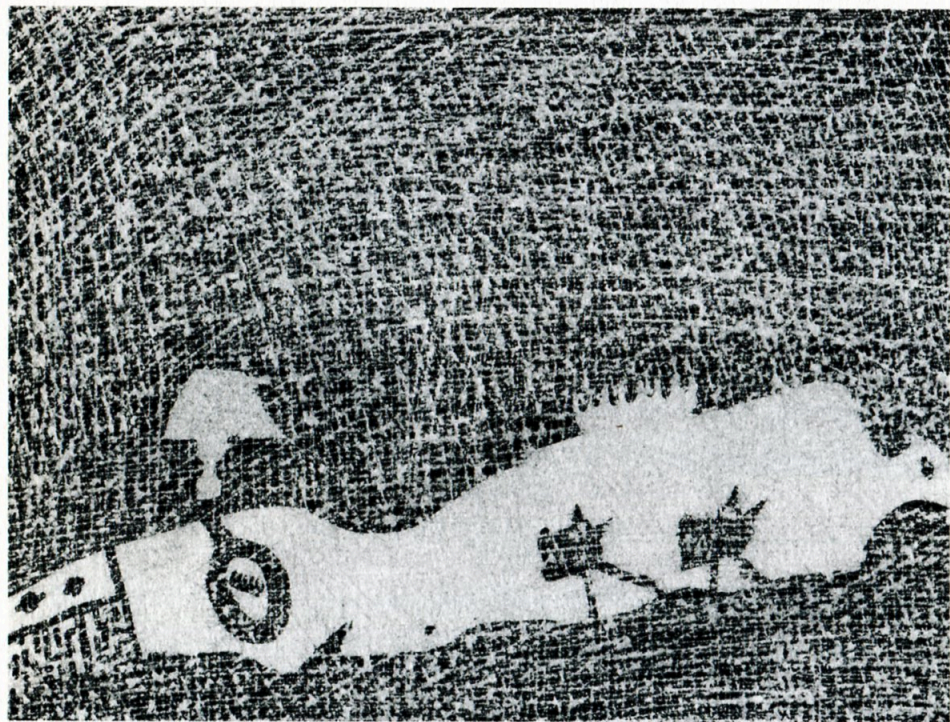


Bela! como a expressão das notas de Mehul.  
Bela! como uma flor num muro de cadeia.  
Bela! como a sonhar, sobre um divã azul,  
Fumando, perseguir a nebulosa Ideia.

— Bela! dizia eu, como uma Feiticeira  
Da Tessália, invocando a ensanguentada Lua.  
Bela! como, no Outono, a luminosa esteira  
Azulada e sem fim de uma comprida rua.

Bela! como arrendado e flamejante altar,  
Onde se vão unir os corações dos noivos.  
Bela! como o silêncio algente e tumular  
Em que se escuta, ao fundo, o germinar dos goivos.



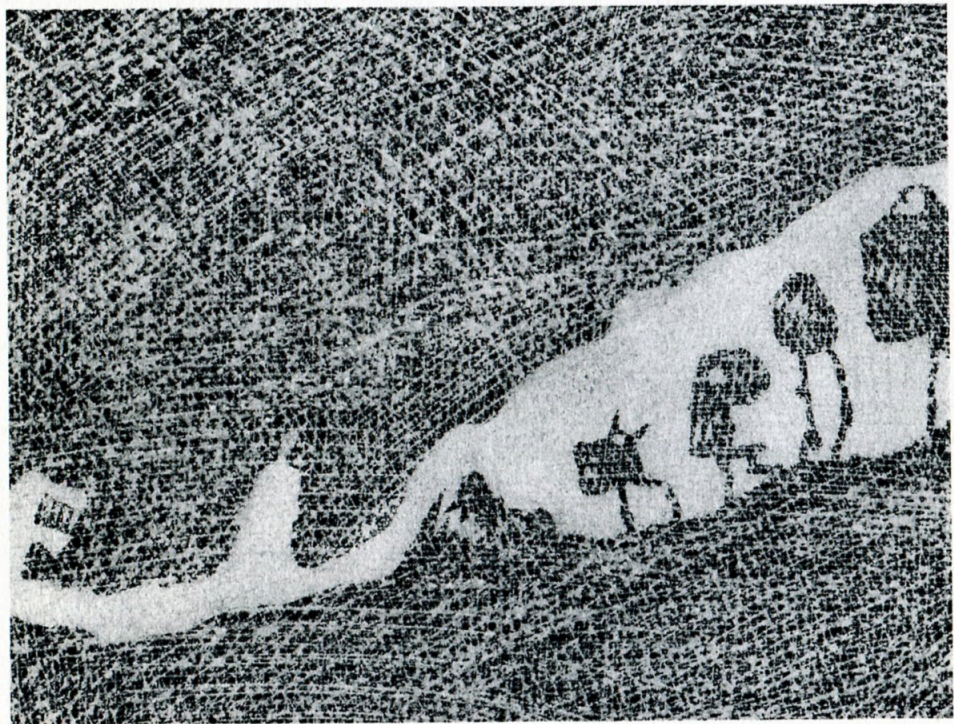


— Bela! dizia eu... Mas nisto, sobre o leito  
Em que cismava assim, voltou-se, levemente,  
A invencível mulher que me inflamava o peito,  
E os meus olhos no quarto erraram novamente.

E foram-se cravar num pente de metal,  
E as várias coisas mil que, ao baço candeeiro,  
Vinham-se reflectir sobre um espelho oval  
Destacado da cor branca do travesseiro.

E então a minha nevrose armou um largo cinto  
De monstros colossais, fáticos de ver!  
À hora em que o burguês profunda o labirinto  
Das mil complicações do *deve* e do *há-de haver*.



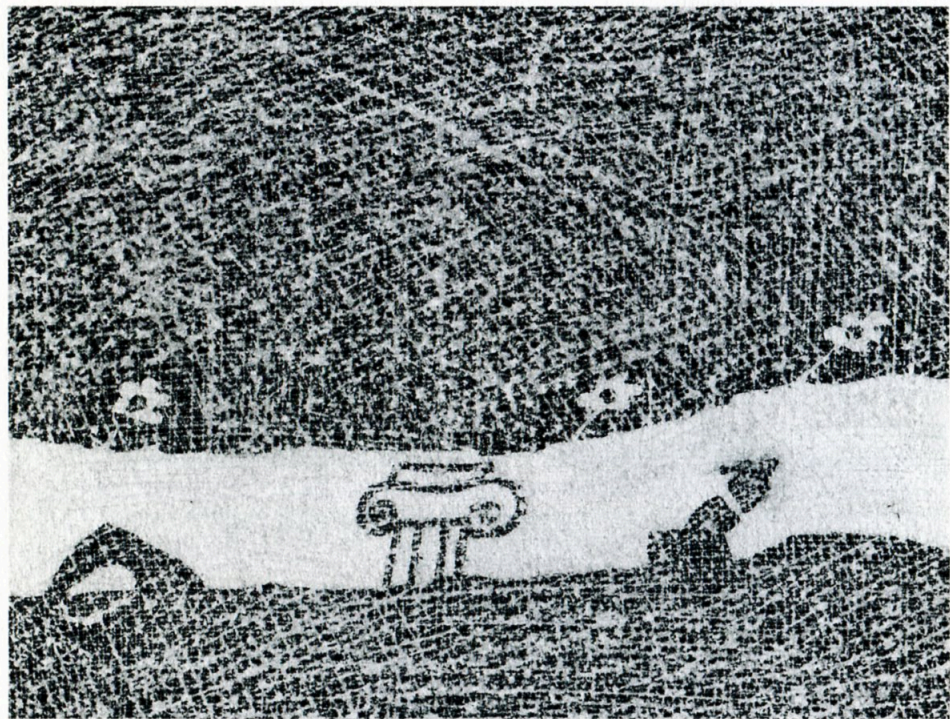


Desfilava-me em torno um batalhão medonho  
De monstros anormais, de escamas reluzentes.  
Tomavam Som e Cor as proporções do Sonho.  
Olhavam-me animais de olhos surpreendentes.

— Bela! dizia eu, por todas as potências  
Celestes, infernais, terrestres e de horror!  
— Bela! concordo eu, cheia de transparências:  
Mas sem um grande *quid*.... a crispação da Dor!

Sim, a Dor, sem a qual a argila humana passa  
Sem um rasto deixar na vasta natureza,  
A Dor, gama final da música da graça,  
A Dor, último tom na escala da beleza.



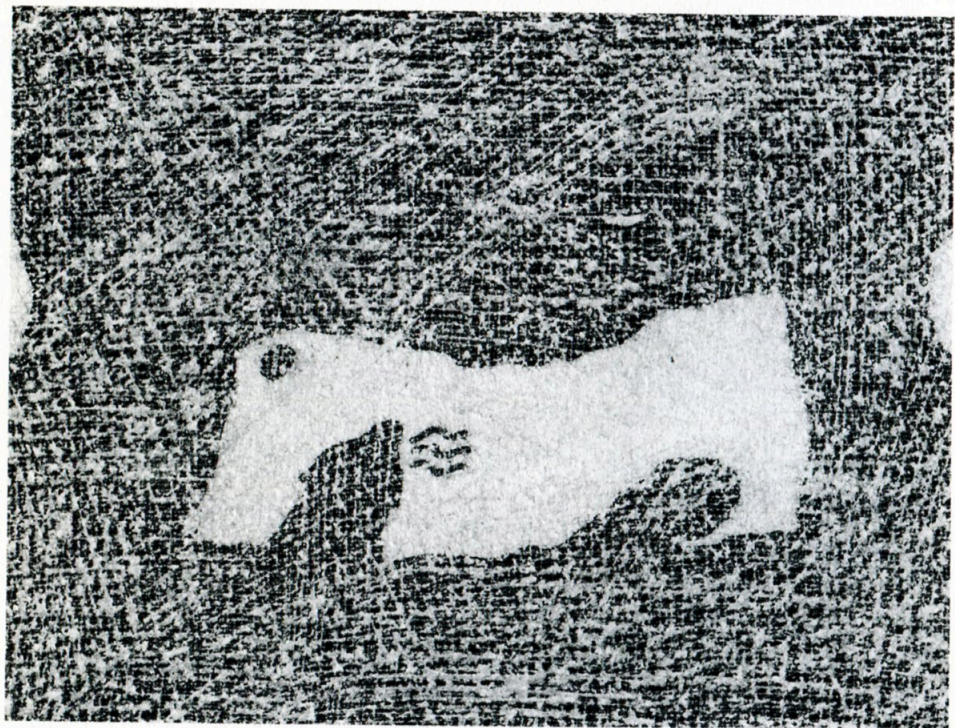


A Dor, foco onde vão reencontrar-se as cores  
Do vivo sol do Amor despótico e cruel.  
O perfume subtil que nos completa as flores,  
A voluta ideal que beija o capitel.

Por isso eu quero ver como o seu belo rosto  
Se crispa à sensação estranha do meu braço.  
E quero, na tenaz sinistra do Desgosto,  
Fazê-la ressaltar como uma mola de aço!

Quero vê-la quebrar essa monotonia  
De linhas ideais, divinas, impassíveis;  
Coagi-la a sair da gélida apatia  
Que é como a estagnação das Cousas Insensíveis.





Quero vê-la tremer, os lábios roxeados,  
Fazendo exclamações eufónicas na sala;  
E em várias gradações, seus olhos injectados  
Terem a fulva cor quimérica da opala.

Quero, sim! Quero ver!... Mas nisto, rudemente,  
Prostou-me o plúmbeo sono, invicto, pesado,  
e a cabeça caiu-me, ah! invencivelmente  
No seu negro cabelo esplêndido e azulado.



C O L E C Ç Ã O

---

## Águas, Luas Doidas

1 — O BARCO BÊBADO  
JEAN-ARTHUR RIMBAUD  
Tradução de Pedro José Leal  
Ilustrações de Augusto T. Dias

2 — A BARCA DA MORTE  
D. H. LAWRENCE  
Tradução de Rui Rosado  
Ilustrações de Ângela Solla

3 — ESTOU A ESCREVER-TE DE UM PAÍS DISTANTE  
HENRI MICHAUX  
Tradução de Aníbal Fernandes  
Ilustrações de Joaquim Bravo

4 — ARZILA: ESTAÇÃO DE ESPUMA  
TAHAR BEN JELLOUN  
Tradução de Al Berto  
Ilustrações de Luís Manuel Gaspar

5 — NEVROSE NOCTURNA  
GOMES LEAL  
Ilustrações de Orlando Paulo Gonçalves

Composto por Texto e Linha, Lda,  
impresso por IAG - Artes Gráficas, Lda,  
para HIENA EDITORA  
Depósito Legal n.º 17994/87



COLECCÃO

---

Aguas, Luas Doidas